

Editorial

A CONDUTA ÉTICA NAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

Gislene Farias de Oliveira¹

No presente editorial, reportar-me-ei a uma questão que tem sido lugar comum nas discussões entre editores de todo o mundo: a conduta ética dos acadêmicos e cientistas quando da publicação de seus artigos e achados científicos. Em geral é de se esperar desses atores, uma integridade. Condição indispensável ao profissional, ao acadêmico, àquele que busca revelar a suposta verdade escondida nas incertezas.

Porém essa não é uma jornada tão crível quanto possa se supor. Para que plágios, cópias e publicações de resultados científicos não verdadeiros, sejam evitados, um pequeno grupo de editores do Reino Unido criou, em 1997, o "Committee on Publication Ethics" (COPE) cujo objetivo maior é a revelação de casos de má conduta científica.

Este comitê atualmente conta com membros em todo o mundo e atua, nos mais diferentes campos acadêmicos. Eles tem observado condutas desviantes do que se conta como boa prática científica (COPE, 2000). Dentre os tipos mais sérios de má conduta o COPE citou: a “falsificação e plágio ao propor, fazer ou avaliar uma pesquisa ou em descrever os resultados de uma pesquisa”.

Nestes casos, estariam a invenção dos dados ou informações e/ou a alteração dos resultados que são observados em um experimento. Esses podem ser distorcidos de diversas maneiras: desde uma simples alteração de datas, atualizadas ou publicados seletivamente (de acordo com suas expectativas), até a forma mais vil, onde há a apropriação do trabalho de outrem, sem que seja citada a fonte. Neste caso, já se conta com alguns recursos tecnológicos que possuem um sistema que testa, entre outros detalhes, a repetição de 7 a 10 palavras contínuas ou a sequência de 30 letras/caracteres de outra fonte. É muito importante que, qualquer citação esteja claramente indicada.

Segundo Vasconcelos, et al (2009), ainda não há um consenso do que seja plágio entre os pesquisadores brasileiros, apesar de ser um assunto muito sensível, tem sido pouco abordado pelas instituições na América Latina.

Constitui-se ainda má conduta científica: ausência no trabalho de algum dos autores (STENECK, 2007), não publicar a pesquisa, não revelar conflito de interesse, não apresentar dados completos do estudo – tipo: apresentar efeitos colaterais de medicamentos, por exemplo (KOLLIAS, 2009); práticas questionáveis de pesquisa – não obter aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa, não

admitir que dados foram omitidos, não incluir informações sobre efeitos colaterais, realizar pesquisa em humanos que não foram suficientemente informados ou esclarecidos (KOLLIAS, 2009).

A própria Science (2005) em seu editorial refletiu como foi possível que trabalhos comprovadamente fraudulentos como os do sul coreano Hwang, tivessem acesso a esse importante periódico, burlando a avaliação por pares. Neste sentido há que se indagar: seria este ambiente científico e, o atual processo de avaliação por pares ainda suficientes? Existiriam outras formas de se evitar a má conduta nestes casos? O que poderia induzir as pessoas a tal comportamento, mesmo ciente de que o mesmo é condenável?

A publicação de resultados errados ou arrançados é um dos grandes problemas dos editores, que recorrem cada vez mais a programas que auxiliam a detectar plágios e/ou fraudes (VARGAS, 2009).

Aqueles que enveredam para a má conduta científica esquecem que a ciência tem seus próprios mecanismos de correção, porque qualquer publicação, independentemente de quem seja o autor ou os autores, é sujeita a verificação. Pode até demorar, mas qualquer plágio ou fraude científica, mais dia menos dia, é desmascarado.

É possível que nós mesmos sejamos os culpados. Há uma certa pressão para que ocorram mais e mais publicações, já que as mesmas estariam vinculadas aos auxílios à pesquisa. Também, os editores e assessores não possuem um alívio devido, em termos de carga horária didática, sobrecarregando-se com um número de atividades administrativas, de pesquisa, ensino e extensão na universidade, o que pode implicar em alguma dificuldade em perceber a possível fraude.

É certo que, quando as pessoas resolvem não aderirem aos valores humanos como seus princípios guia de vida, não muito se tem a fazer quanto a isso.

Com relação à prevenção de possíveis condutas eticamente desviantes, há algumas propostas no mercado. A Nature (ERRAMI; GARNER, 2008), onde encontrou-se setenta mil casos potenciais de duplicação de trabalhos. Através de busca automática com um aplicativo conhecido como “Tblast” em mais de 7 milhões de resumos na área biomédica. Essa nova ferramenta juntamente com outras mais atuais, a semelhança do “Plágius”, certamente serão de muita ajuda aos editores científicos, para que possam encontrar saídas e ajustar condutas, principalmente dos nossos jovens cientistas, para que não caiam nas armadilhas da tentação.

A ciência é um patrimônio universal. Seu espírito é coletivo e sua construção exige ética e compromisso com a verdade. Mas, como qualquer atividade humana, está sujeita a erros. Nunca seria demais alertar que há casos em que os erros são involuntários. E esses nada têm a ver com uma má conduta científica.

Sigamos na grande missão de proteger nossos periódicos, melhorando a qualidade da ciência no nosso país. É assim que motivamos nosso jovens a participar ativamente de uma cultura cada vez mais humana e ética. Num processo educativo no qual os nossos jovens pesquisadores aprendam que,

mais importante que a descoberta do novo, seja também, o respeito e a solidariedade com o que já existe.

Referências

COPE - Committee on Publication Ethics. 2000. Disponível em <<http://publicationethics.org/>>. Acesso em: 08 set. 2015.

ERRAMI, M.; GARNER, H. A tale of two citations. **Nature**. v.451, p.397–399, 2008

KOLLIAS, H. Research, Big Food and Science: Cooking Up a Conspiracy? Sept. 2009. Disponível em: <<http://Precisionnutrition.com/food-research-conflict>>. Acesso em: 18 set. 2015.

SCIENCE. Disponível em: < <http://www.sciencemag.org/sciext/hwang2005/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

STENECK, N.H. **ORI Introduction to the Responsible Conduct of Research**. ORI, aug. 2007. Disponível em: <<http://ori.hhs.gov/documents/rcrintro.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2015.

VARGAS, M.D.; [Editorial]. **Journal of the Brazilian Chemical Society**, v. 20, n.10, iii, 2009.

VASCONCELOS, S.; LETA, J.; COSTA, L.; PINTO, A.; SORENSON, M.M. Discussing plagiarism in Latin American science. Brazilian researchers begin to address an ethical issue. **EMBO Reports**, v.10, n.7, p.677–682, 2009.

¹ Psicóloga. Professora da Universidade Regional do Cariri. Editora-gerente do Caderno de Cultura e Ciências da Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: gislene.farias@urca.br.